

NO SAMBA COM FADEL

Alisson Azevedo

[Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás]

Meu coração vive de encantamento.

Talvez porque, dos três elementos da beleza – simetria, inteireza e radiância – eu, cego que sou desde que nasci, só tenha pleno acesso a esta última.

E a radiância, segundo S. Tomás de Aquino, é o encantamento do coração.

Recentemente experimentei esse encantamento, com a vinda a Goiás do meu querido amigo Luiz Carlos Fadel e de alguns bons companheiros, para o Colóquio *Toda Nudez não será castigada*, promovido pelos grupos Dona Alzira e Multiplicadores de Visat.

Conheci o Fadel por vias virtuais em plena pandemia de Covid-19, e foi amizade à primeira escuta.

Pelo telefone, falamos longamente sobre rádio, música, poemas – enfim, sobre tudo que encanta o coração.

Com o tempo, e a partir do denso cinema do diretor Ingmar Bergman, nos tornamos um duplo: um vendo o mundo pelos olhos do outro.

Considerando que eu não vejo o mundo pelos olhos, acho que o Fadel saiu perdendo nessa equação...

Mas ele nunca reclamou. Agora, finalmente, nosso duplo, até então etéreo, internético, telefônico, fez-se carne.

Tomamos caipirinha, comemos juntos, o Fadel tocou violão e eu caí no samba.

Aliás, um belíssimo samba do Fadel, cujos versos se abrem para outros sambas, de modo que emendamos um samba no outro, até acabarmos assim:

“Vou te contar / Os olhos já não podem ver / Coisas que só o coração pode entender”.

Nesse encontro de corpos, pude reparar que o Fadel é um homem belíssimo: alto, altivo, vigoroso na sua poesia desbragada.

Algumas amigas, mais aptas do que eu na constatação da simetria e da inteireza, concordaram com minha avaliação.

Eu chegara àquele colóquio prenhe de certa tristeza, de certos abusos da alma que me acometem de tempos em tempos.

Mas aquele encontro me devolveu a alegria: não aquela alegria fugaz e enganosa dos prazeres fortuitos, mas a alegria de viver forjada nos grandes encontros e nas grandes amizades.

Acho que foi Nietzsche quem disse que só acreditaria num deus que soubesse dançar.

Pois lá na Colmeia, no Assentamento Canudos, no encerramento festivo do nosso Colóquio, eu até dancei.

Uma habilidosa passista, a quem chamei Helena de Troia, me ensinou o samba de corpo inteiro – e eu pude ver a beleza da malemolência para além da radiância:

nada como a dança para mostrar ao tato os contornos da simetria e da inteireza.

O Fadel, meu fiel duplo, viu e aprovou satisfeito.

Aqueles dias de Colóquio em caravana – de Goiânia a Mossâmedes, de Mossâmedes a Goiás, de Goiás à Colmeia – para mim só foram possíveis graças ao cuidado dos amigos do Dona Alzira, me conduzindo por espaços que eu não domino.

Por isso dedico esta crônica de retorno, além do Fadel, aos amigos Ercília Louzada, Domingos Rodrigues e Valdir Specian, com a gratidão e a convicção de que o cuidado vindo em minha direção,

na minha condição de homem cego, é um gesto político que possibilita minha participação plena, seja nos trabalhos, seja no samba. E, sim, trabalhamos muito naquele rico Colóquio.

Quanto ao Fadel, é daqueles amigos que se eu pudesse veria todo dia, para fruir sua radiância e gozar com sua companhia. Obrigado pelo samba, meu amigo!

E obrigado pela vida dupla, porque entre próximos e distantes, somos juntos e fortes.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.